

ALGUNS REQUISITOS PARA UMA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE ORIENTAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL (material de trabalho para elaborações posteriores)

Achilles Delari Junior

I - REQUISITOS CONCEITUAIS GERAIS

Para que o trabalho social do psicólogo no ato de proceder a uma avaliação psicológica, possa ser considerado como pautado numa *perspectiva histórico-cultural em psicologia*, cabe sugerir que, pelo menos, os seguintes princípios sejam respeitados:

- 1 Priorizar a explicação das causas essenciais, históricas, com relação à descrição dos efeitos aparentes, fenomênicos, dos processos psíquicos avaliados.
- 2 Priorizar a compreensão da origem social com relação à origem biológica dos processos psíquicos avaliados.
- 3 Priorizar as relações interfuncionais (sistêmicas e dotadas de sentido) com relação ao funcionamento fatorial dos processos psíquicos avaliados.
- 4 Priorizar as possibilidades de superação da pessoa avaliada com relação às suas incapacidades e limitações quanto aos processos psíquicos avaliados.

Em síntese: Priorizar a compreensão dos processos psíquicos avaliados como pertinentes ao desenvolvimento histórico da personalidade (integral e contraditória) de um ser humano concreto:

- (a) síntese de muitas determinações;
- (b) socialmente situado;

- (c) em constante transformação;
- (d) singular.

Evitando, portanto, tomar tais processos como independentes da pessoa que os realiza, isto é, não os concebendo de modo abstrato:

- (a') consequência de determinações reduzidas;
- (b') descontextualizado;
- (c') estático;
- (d') serializado.

Vigotski diz, em “Psicologia concreta do homem”:

“Em verdade, é impossível entender o funcionamento de qualquer aparelho nervoso sem a pessoa. Isto é cérebro – do homem. Isto é a mão do homem. Nisto está a essência” (1929/2000, p. 32)

Donde deduzimos: “essa inteligência”, “essa memória”, “essa desatenção”, “esse defeito”, “esse talento”, “esse sofrimento”, “esse transtorno”, essa “disfunção”... são de uma pessoa. O mesmo autor em trabalho de 1931, explicita ainda:

“Não importa tanto a doença que uma pessoa tem, mas sim a pessoa que tem essa doença”.

Podemos constatar, pelos recursos de ciências biológicas de domínio público, que mesmo um vírus, cujo funcionamento segue leis químicas objetivas, não age do mesmo modo para/em diferentes seres humanos. Tomemos os nomes de personalidades importantes do final do século passado que foram abatidas pelo contágio com o vírus HIV, como o sociólogo “Betinho” e o músico “Cazuza”. Alguém poderia afirmar que a forma pela qual cada um deles sofreu, padeceu,

vivenciou, seu adoecimento teria sido idêntica? Que dizer então de algo como um “processo mental”, entendido efetivamente como algo bem mais dinâmico e multideterminado do que um mecanismo bioquímico específico?

Entende-se que a psicologia deve tratar de compreender os processos mentais como aspectos indissociados da vida das pessoas, seres sociais, que lhes conferem sentido na totalidade histórica de sua existência social e pessoal. E não como processos mentais isolados que possuem vida autônoma. Se o ser humano, por sua vez, é *ser social*¹ compreendê-lo é o mesmo que compreender suas relações sociais em seu desenvolvimento histórico. Fora disso o que é próprio da psicologia se perderá. E qualquer pessoa sem tal formação, poderá ler um manual de testes psicométricos, por exemplo, e aplicá-lo para obter números, escores, que “meçam” fatores mentais. O que se dará a partir da observação e descrição de atos exteriores desconectados de sua gênese anterior e atual em direção a um futuro próximo e também a um mais distante. Um leigo não saberá dizer de onde tais atos se originaram, nem como, ou por quais razões. Não poderá explicar como funcionam internamente no momento atual, nem como vão se modificar desde já e logo em seguida com o suporte da relação com um *outro social* (educador, familiar, profissional de saúde, etc.). Ao psicólogo, estudioso da gênese social do psiquismo consciente, da personalidade humana, caberia compreender tais determinações, desde que viesse a obter em sua formação geral, acadêmica e vivencial, o domínio científico para tal².

¹ Ou “*zoon politikon*” – desde a concepção de Aristóteles retomada por Marx e Vigotski.

² Como nem sempre o psicólogo tem tal domínio científico sobre quem é o ser humano e como sua personalidade como um todo se desenvolve, muitas vezes ele se limita a fazer o alguém sem formação científica faria guiando-se por apenas instruções produzidas por outras pessoas e fixadas em um determinado manual de instruções de aplicação de testes psicométricos. Este caráter estritamente operacional do que consta em tais manuais acaba levando à sua proibição para leitura e uso de público leigo. Ou seja, mesmo sem formação científica uma pessoa com domínio da língua em que foi escrito consegue seguir os passos, aplicar os exercícios do teste, tomar escores e consultar tabelas que deem “conclusões”

II – REQUISITOS PRÁTICOS ORIENTADORES DA AVALIAÇÃO

1 Avaliar processos emergentes, não só consolidados (problema da “avaliação dinâmica”)

Princípio prático orientador: Criar condições para que se avalie não só os processos psíquicos já consolidados pela experiência anterior da pessoa, mas também os processos que podem vir a se consolidar num futuro próximo com as relações sociais que ela puder estabelecer com aqueles de seu convívio.

Aqui entraria toda a técnica para combinar testes convencionais com atividades nas quais o psicólogo instrui a criança para realizar atividades que permitam saber sobre os processos mentais envolvidos, trabalhando para que eles sejam exatamente adquiridos na própria seção de avaliação. E assim registrar até onde poderia ir essa capacidade de aquisição de processos novos, com a ajuda do outro social.³

(continua)

correspondentes. E o receio corporativista de que isso venha à tona leva a proibição da compra e conhecimento dos manuais de testes por quem não tem o diploma de psicólogo, ao menos no caso do Brasil. Fica evidente que se o trabalho de interpretar cientificamente os resultados fosse o principal contra a obtenção de simples números mediante a obediência de regras estabelecidas por outras pessoas, nenhum leigo poderia aplicar os testes e as proibições seriam perfeitamente dispensáveis e o mistério dissipado. Tanto quanto não há qualquer proibição para que qualquer pessoa compre e leia os mais avançados livros teóricos sobre o desenvolvimento da mente humana, já que o uso disso demanda ter-se desenvolvido capacidade de compreensão conceitual e domínio da relação teoria e prática profissional.

³ Veja-se, por exemplo, o exercício de trabalho de resolução em grupo de um problema lógico com uma matriz que diagrafei para trabalho em curso com educadores especiais no início desta década – “Anexo 1”, p. 9 do presente documento.

2 Avaliar processos sociais, não só individuais (problema da “avaliação situacional”⁴)

Princípio prático orientador: Criar condições para que se avalie não só os processos psíquicos entendidos como algo que funciona, processa-se, exclusivamente em decorrência de uma dinâmica interna da pessoa avaliada, mas principalmente as relações sociais nas quais tais processos são postos em jogo em diferentes contextos da vida dela mesma. Tal princípio prático pode se desdobrar na necessidade de coletar dados sobre duas dimensões interligadas da vida da pessoa avaliada: (2.1) as situações sociais de seus processos mentais; (2.2) os sentidos que nessas relações a pessoa “interioriza”/produz para seus próprios processos mentais.

2.1 Os processos mentais/psíquicos são sociais - relacionais e situacionais.

Exemplos hipotéticos:

- (a) “Na escola Carlos é desatento, mas em casa ao videogame fica por bastante tempo focado na trama do jogo”;
 - (b) “Junto ao pai José é obediente, frente à mãe é indisciplinado”;
 - (c) “Ao dar uma palestra para um grande público, Diana é desenvolta e resoluto, em suas aproximações amorosas é tímida e insegura”;
 - (d) “Com pessoas de bons modos, Márcia é pacífica e equilibrada, com pessoas mal educadas perde a paciência e se comunica de modo hostil”;
- etc.

⁴ Claro que toda avaliação dinâmica é situacional e relacional, mas estou nomeando em separado aqui, dando ênfase para o fato de que mesmo que o psicólogo não tenha como estar em todos os lugares nos quais se desenvolve o drama das relações e papéis sociais da pessoa avaliada, ele precisa ter recursos (entrevistas, questionários, análise de documentos como projetos pedagógicos de escola, etc.) que permitam trazer para ele algum retrato de diferentes contextos em que a pessoa vive, estabelece suas relações e realiza ou deixa de realizar suas potencialidades.

Se pudermos concordar que situações como estas existem no mundo concreto e não apenas como exemplos hipotéticos, concluiremos que não existem apenas processos mentais isolados: (a) “atenção”; (b) “disciplina”; (c) “desenvoltura verbal”; (d) “equilíbrio emocional”, etc. Processos cuja medida pudesse se dar forma absoluta como, por exemplo: tem uma atenção sempre “89”, uma disciplina “46”, uma desenvoltura verbal “91”, um equilíbrio emocional “55”, etc. Isso não será invariável - a própria situação social de aplicação dos procedimentos para obter tais medidas pode fazer com que elas variem. Portanto, existem também as situações sociais nas quais esses processos são postos em jogo, e em última análise também nas quais eles *passam a existir* como tais, pois não nascemos com capacidade de prestar atenção já pré-definida, nem de obedecer a regras sociais, de sabermos nos expressar em público ou na vida privada, nem de controlar nossas emoções. Tais situações precisam ser colocadas em pauta como algo a ser investigado numa avaliação psicológica de orientação histórico-cultural.

(continua)

2.2 Os processos mentais ganham sentido na vida de alguém - são semanticamente estruturados

Tanto quanto cabe saber das diferentes situações sociais em que os processos são postos em jogo e ganham função cabe saber algo sobre os sentidos que nelas a pessoa produz para os mesmos. Por exemplo, “inteligência” e “senso crítico” aguçados podem valer como algo que se preza e se incentiva, mas também podem valer como algo que aborrece e causa incômodo, desconforto para as pessoas ao redor e para o próprio sujeito tido como “crítico” e/ou “inteligente”. A “memória” muito vivida e capaz de resgatar complexos detalhes de situações distantes no tempo, pode ajudar no campo do conhecimento científico, da

pesquisa, e/ou de práticas profissionais das mais variadas, mas também pode causar desconforto quando não se consegue esquecer situações desagradáveis do passado. Então não basta saber “inteligência”: QI=130; memória: “QM”=145.

Falta ainda perguntar: que sentido isso tem para essa pessoa? Isso é bom para ela? Ela está satisfeita com o que isso lhe proporciona? Disse Vigotski que o mais importante não quanta inteligência uma pessoa tem, mas que uso faz dela. O exemplo da ficção no cinema é “Forest Gump”, ele era limítrofe, mas conseguiu se dar bem por exemplo no exército, e jogando pingue-pongue. É uma ironia do roteirista, para criticar o exército e os jogos repetitivos. De fato um estrategista militar precisa ser muito inteligente, por exemplo, e um mesatenista pode ter um QI invejável. Contudo, qual a mensagem principal? É que ele tinha um bom caráter, usava bem os recursos medianos que possuía e assim obteve vários sucessos. Outras pessoas podem ser geniais e não utilizarem isso de modo proveitoso para a sociedade e tampouco para elas mesmas, desperdiçando ou guardando seus talentos (para usar agora a metáfora bíblica).

Uma avaliação psicológica de orientação histórico-cultural, uma vez que, pelos princípios teóricos acima (parte I), se importa com o homem concreto, precisará levar em conta os sentidos que este homem dá para as suas próprias capacidades e limitações. Posso ter limitações e isso me dar o sentido de desejo de superar, ou o sentido de desistir e me conformar com o que hoje consigo, ou ainda o de desistir sem me conformar e permanecer indefinidamente frustrado e entristecido por não conseguir realizar o que desejaria, etc. Essas diferentes atitudes de produção de sentido para uma “mesma” limitação, são, na perspectiva de Vigotski, medidas por significados sociais. Esse é um ponto a ser explorado.

(continua)

* * *

Achilles Delari Junior

Primeira versão: Umuarama, 21 de abril de 2010.

Versão atual: Curitiba, 01 de outubro de 2018.

Passará por revisões e ampliações posteriores.

REFERÊNCIAS

VIGOTSKI, L. S. (1929/2000) L. S. Vigotski: manuscrito de 1929 [Psicologia concreta do homem]. In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, no 71, Julho/00.

ANEXO 1 – Item B do minicurso “O pensamento com função psíquica superior – diálogos entre psicologia e educação. Ministrado por Achilles Delari Junior.

SLIDE 06 O Pensamento – como função psíquica superior
diálogos entre psicologia e educação

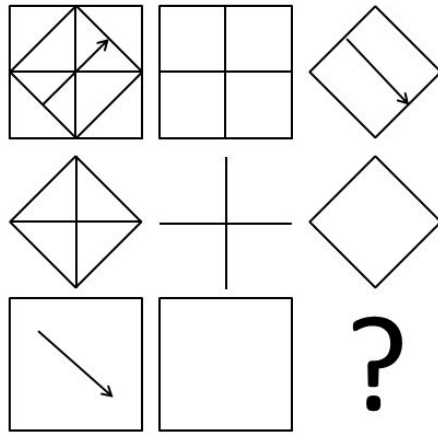
B) Abordando o tema propriamente dito
4. Um exercício para pensar desenvolvimento e instrução

www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

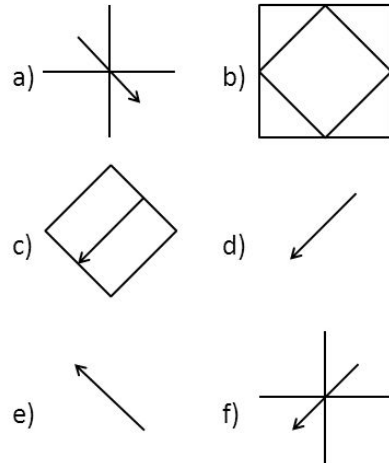
SLIDE 07 O Pensamento – como função psíquica superior
diálogos entre psicologia e educação

Existe lógica na sequencia das figuras abaixo.
Tentemos descobri-la para encontrar aquela que preenche o ponto de interrogação.
Quem já souber a resposta por favor não diga para permitir aos demais pensar sobre ela.

www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

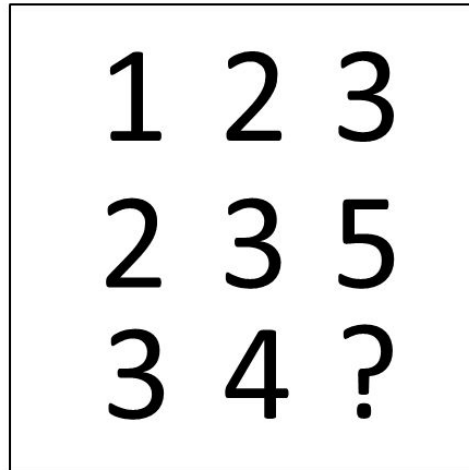


Qual a resposta?
(não digam)



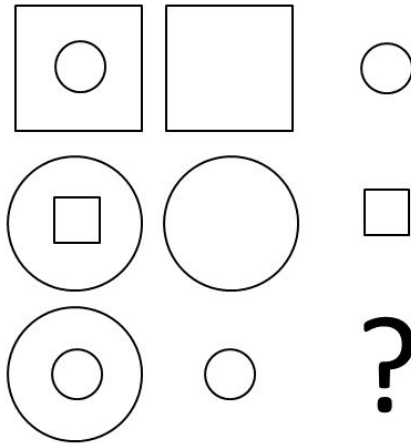
www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

- * Vamos trabalhar com a lógica do exercício que vimos anteriormente.
- * Assim como podemos fazer sequencias de figuras podemos fazer sequencias de números. Como abaixo:

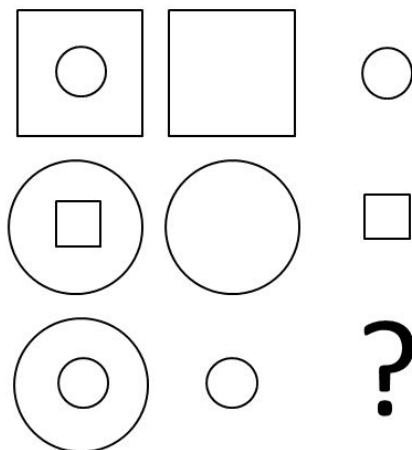


www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

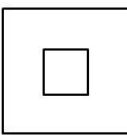
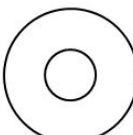



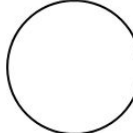
Como uma relação aritmética de soma ou subtração pode ser expressa em figuras?



www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt



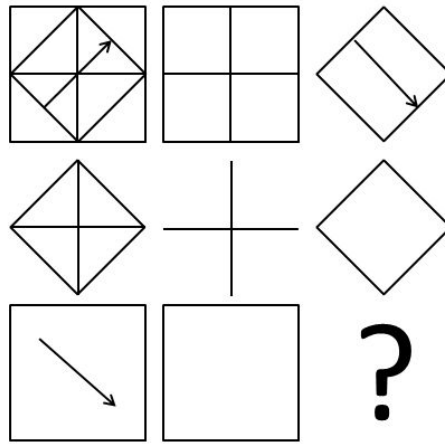
É uma subtração. Qual a resposta?

- a)  b) 
- c)  d) 
- e)  f) 

www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

SLIDE 13

O Pensamento – como função psíquica superior
diálogos entre psicologia e educação



Também é uma subtração.
Qual a resposta? (não digamos ainda)

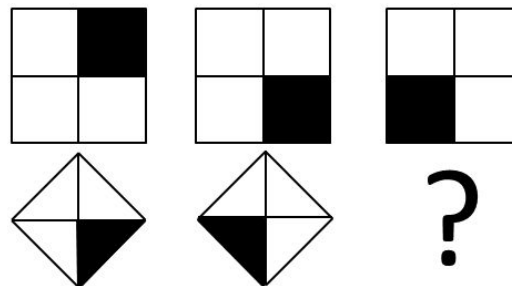
- a)
- b)
- c)
- d)
- e)
- f)

www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

SLIDE 14

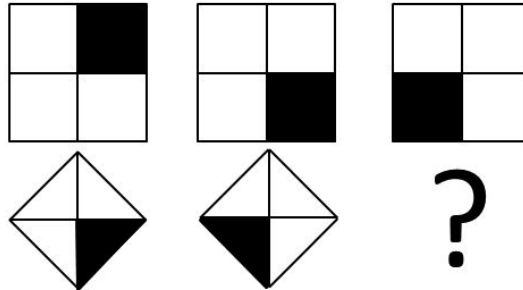
O Pensamento – como função psíquica superior
diálogos entre psicologia e educação

Além de uma lógica aritmética (como subtração e soma, por exemplo), exercícios como o nosso podem ter também uma lógica espacial. A rotação de partes dos desenhos, por exemplo:

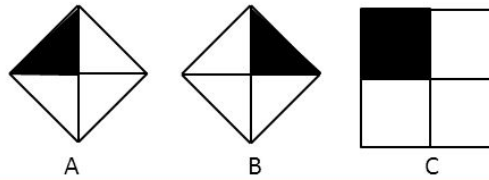


www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

As peças mudam de quadrante, no sentido horário, se partimos da esquerda para a direita.



Qual a resposta?



www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

1	2	3
2	3	5
3	4	?

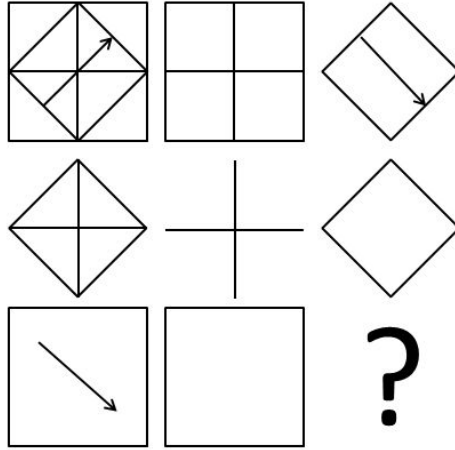
Qual a resposta?

a) 5 b) 2 c) 7 d) 3 e) 12

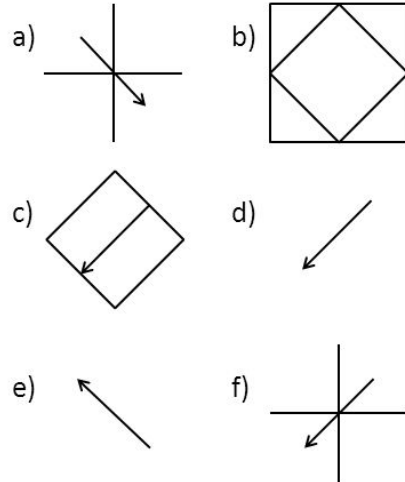
www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

SLIDE 16

O Pensamento – como função psíquica superior
diálogos entre psicologia e educação



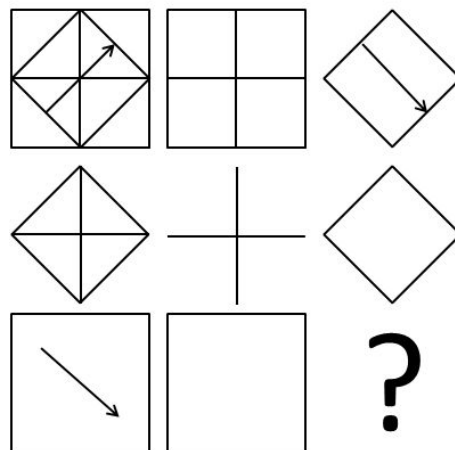
Uma subtração com rotação da seta.
Qual a resposta? (podemos dizer)



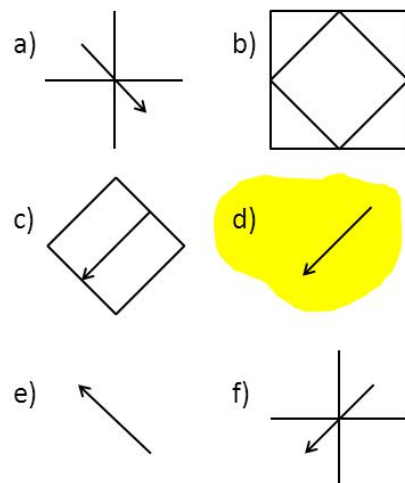
www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt

SLIDE 17

O Pensamento – como função psíquica superior
diálogos entre psicologia e educação



Uma subtração com rotação da seta.
Qual a resposta? (podemos dizer)



www.vigotski.net/cianorte-pensamento.ppt